

Ensaio

1 - A RENOVAÇÃO DA HISTÓRIA POLÍTICA ATRAVÉS DE XAVIER GIL PUJOL

Carlos Eduardo da Costa Campos¹⁴³

O Prof. Dr. Xavier Gil Pujol é formado em Geografia e História. O referido pesquisador é Catedrático de História Moderna (desde 2010) do departamento de História da Universidade de Barcelona¹⁴⁴. Pujol em seus escritos nos pontua que houve um período de intensos debates sobre o saber histórico no cenário intelectual europeu. O autor ressalta que uma das vertentes que esteve mais envolvida nestas reflexões foi a História Política (PUJOL,1995:196).

Xavier Gil Pujol destaca que desde 1980, houve uma reformulação na escrita histórica, o que fomentou novas abordagens históricas, como a Nova História Política que se valeu da reformulação de elementos como a narrativa, o acontecimento e o papel do indivíduo como ator histórico, os quais voltaram a ser englobados no discurso do historiador, pois antes eram vistos como símbolo de uma História Política Tradicional que ficava centrada no poder das elites e instituições. Logo, a nova proposta de se analisar o

¹⁴³ Carlos Eduardo da Costa Campos é professor mestrando pelo Programa de Pós Graduação em História Política da UERJ, sendo orientado pela Prof.^a Dr.^a Maria Regina Candido e pelo Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari. O referido pesquisador é bolsista do CAPES e integra o Núcleo de Estudos da Antiguidade, na linha de pesquisa: Religião Mito e Magia no Mediterrâneo Antigo.

¹⁴⁴ As informações foram obtidas através do site do departamento de História da Universidade de Barcelona. Acessado em: 08/04/2011. Disponível em:

<http://www.ub.edu/historiamoderna/cat/departament.php>

Político, se centrou no poder e na sua pluralidade de manifestações na sociedade (PUJOL,1995:196).

O objetivo do autor é o de refletir sobre a vasta produção recente relacionada à História Política, para assim elencar uma série de questões e tendências que iriam melhor caracterizar, aquele contexto histórico referente aos pensamentos sobre a esfera política (PUJOL,1995:196).

O autor pontua que uma tendência da historiografia dos anos 90, foi o de realizar uma produção minimalista. Tal conceituação não é vista no sentido pejorativo pelo autor espanhol (PUJOL,1995:196). O minimalismo é um movimento artístico, cultural e científico, o qual se iniciou no século XX e obteve maior fôlego a partir da década de 60, nos EUA. A corrente se disseminou por diversas áreas como a música, as artes, a História e coloca em debate as posições sobre a simplicidade e a complexidade nos trabalhos (SALLES,2005:129).

Ao dialogarmos com os apontamentos de Pujol, nos fica perceptível que a vertente minimalista ao ser aplicada ao conhecimento histórico aborda as minúcias, as especificidades e os detalhes do objeto de pesquisa, os quais devem ser estudados de forma mais intensa e profícua para se ampliar o conhecimento sobre a temática (PUJOL,1995:195-207). O discurso de Pujol nos possibilita compreender o uso do minimalismo na História, como uma forma de reduzir, de se limitar o recorte histórico realizado pelo historiador, mediante as propostas totalizantes da História Social. Tal vertente complementa a de Peter Burke, que em seus argumentos deixa transparecer que a escola minimalista assume uma função de minimizar ou simplificar os acontecimentos históricos, em oposição à corrente sentimentalista que maximizaria os fatos (BURKE,1992:108-09).

Segundo Xavier G. Pujol houve uma ampliação da esfera do Político em diversos sentidos. A motivação se encontra na proposta que a História Política Renovada

apresentou de aderir a elementos históricos, os quais ficavam marginalizados pelos estudos históricos produzidos pelo viés tradicional. Nos anos 90, o Prof. Pujol nos advertiu para a linha tênue que a História Cultural, Política e Social estavam atravessando devido às ampliações dos seus campos de análise (PUJOL,1995:195-6). Pujol faz inferência a Peter Burke e Bartolomé Clavero, para ressaltar que não devemos cair no engodo dos radicalismos, assim apontando tudo como vinculado a esfera da História Política, ou negando sua função dentro da sociedade (PUJOL,1995:196).

O autor centra a interdisciplinaridade como o ponto propulsor da interação das fronteiras entre as correntes historiográficas (PUJOL,1995:195-6). Acreditamos que seja necessário fazer um adendo, aos apontamentos de Xavier G. Pujol. O autor não relacionou o crescimento da área do *Político*, com as modificações que o conceito de documentação enfrentou na segunda metade do século XX.

No que tange a esfera documental, nós percebemos uma estreita relação com o advento da História Cultural, que proporcionou uma significativa transformação no campo da análise histórica. Assim foi perceptível um rompimento com o atrelamento positivista das pesquisas históricas centradas somente no domínio do texto oficial, como uma verdadeira fonte, da qual jorraria todas as informações que o historiador necessitava saber. A História passou a lidar com seus documentos: as pinturas, os textos literários, os testemunhos orais, os panfletos, as estátuas, os vasos, os mapas, a arquitetura e etc. (BURKE,2004:11). Novos olhares foram lançados sobre os objetos de estudo e as aplicações metodológicas. Setores da sociedade, que até determinado período estavam deixados à margem das análises foram englobados nos estudos históricos¹⁴⁵, devido à incorporação de novas documentações (como textos literários). O historiador italiano Carlo Ginzburg resalta em *“O Inquisidor, como antropólogo”*, que o diálogo da História

¹⁴⁵ Como exemplo Ginzburg cita o estudo sobre a feitiçaria. Averiguar as informações em GINZBURG, Carlo. **O inquisidor como antropólogo uma analogia e suas implicações**. pp. 203-05.

com a Antropologia teria provocado uma transformação nos eixos de análises e nas metodologias, para dar conta das especificidades existentes como vemos nas reflexões pautadas na História Cultural e na História Política Renovada (GINZBURG,1991:203-05).

Xavier Gil Pujol, nos indica que houve uma interação entre os saberes da História Cultural, com os da História Política (PUJOL,1995:199). A Nova História Política, ao trabalhar com a era moderna proporcionaria quatro esferas de abordagens: a História da família; a História política (desde baixo); a política através de canais informais; e como último ponto nós temos as revisões sobre a Revolução Inglesa e a Francesa.

Na visão do autor a História da família nos possibilitaria compreender as redes de sociabilidade familiar como o ponto central de todo o sistema social. Através da História política desde baixo, haveria uma retomada das reflexões do homem como ator histórico, o qual através das suas ações no espaço, ele transforma e organiza a sociedade. Pujol avalia a vertente citada como uma forma de se rehumanizar a História, se enfocando no conjunto que integra a sociedade, logo analisando a participação dos populares no processo de transformação histórica e rompendo com os trabalhos centrados somente nas elites ou no plano das estruturas (PUJOL,1995:198-9).

O autor pontua que o estudo focado nas potencialidades humanas (tanto as pertencentes ao alto, como as do baixo escalão social), como agentes históricos seria a principal característica das pesquisas, no campo da História Política, Social e Cultural durante os anos 90 (PUJOL,1995:199). Os canais informais podem ser refletidos, justamente através da atuação das redes de poder que os homens organizam na sociedade, tais poderes não ficam centrados apenas nas elites e se reproduzem pelas outras esferas sociais, como nos alude Pujol (1995:199).

Outro ponto relevante para Pujol, o qual vai permear as transformações no campo da História Política foi o “*giro linguístico*”, com o seu enfoque nos discursos e nas análises sobre o texto e o contexto. O autor pontua que no campo historiográfico Michel Foucault,

foi uma das personalidades que mais influenciaram a nova forma de escrita da História. O argumento apresentado por Pujol se encontra alicerçado no novo conceito de poder, o qual perpassa e se manifesta diversificadamente por diversas esferas da sociedade. Assim notamos que a abordagem foucaultiana não seria centrada apenas no poder exercido pelas elites, mas sim nas relações de poder que existem ao longo da teia social. Um exemplo disto seria as releituras promovidas sobre os processos revolucionários ingleses e franceses, onde os populares começam a ter uma participação política mais expressiva nos novos trabalhos (PUJOL,1995:199-200).

Antonio Manuel Hespanha é um pensador citado por Pujol, como referência de estudos sobre a política e os direitos não formais. O autor analisa os discursos oficiais formulados pelas instituições, em muitas vezes impondo suas visões, e as apropriações ou resistências destes elementos pelas camadas populares (PUJOL,1995:199-200).

Xavier Gil Pujol, pontua que o fator pessoal tem adquirido maior expressão no meio acadêmico, o qual passou a ser refletido tanto no interior, como no exterior das instituições sociais. Pujol, nos indica que estudos sobre: Patronato, clientelismo, intermediários, clãs, grupos da elite, redes de influência e os jogos de interesses pessoais entre governantes e governados, possibilitaram complementar ou reformular os estudos centrados nos órgãos oficiais (PUJOL,1995:201). Assim notamos que houve um processo de rever o homem, como agente histórico e não apenas apontando o Estado como algo que possui uma dinâmica e funciona sem a ação humana.

A pesquisa sobre a política informal, entretanto, não é algo fácil elaboração pelo historiador tendo em vista que a documentação existente, que em grande quantidade foi formulada pelos órgãos oficiais, nem sempre nos passam claramente as informações desejadas (PUJOL,1995:199-202). Logo, a aplicação dos métodos de análise documental, nos possibilitaria ampliar o nosso horizonte de estudo, através da extração das mensagens contidas no texto que em primeiro momento não costumam ficar tão evidentes, além

disto, também devemos analisar o contexto de produção do documento para o compreende-lo.

Pujol, nos leva a repensar a figura de Leopold Von Ranke. Nas concepções do autor, a proposta rankeana de se conhecer os acontecimentos históricos, não é uma tarefa considerada como desdenhável, pois pode estar relacionada com um pensamento de melhor explorar o contexto de produção do objeto de estudo. Segundo o autor, nós ainda verificamos tais noções na historiografia política espanhola (PUJOL,1995:203).

É saudável em qualquer disciplina, em nosso caso a História Política Renovada, que ela seja consciente de suas potencialidades e de suas limitações (PUJOL,1995:206). Xavier Gil Pujol, nos indica que nos anos noventa houve no campo da História, como no das Ciências Sociais, uma procura por reduzir os objetos de análises. Na visão do autor se trata de uma ruptura com a proposta da história total, que era desenvolvida pela História Social, que buscava refletir sobre os grandes processos históricos (PUJOL,1995:207). As explicações que eram formuladas para o todo da sociedade, em muitas vezes não davam conta das especificidades dos segmentos que integram a esfera social.

A História Política Renovada, que está altamente atrelada ao social e ao cultural, não está fora da corrente de estudos pautada em analisar fenômenos ou segmentos específicos, ao invés do estudo do todo (PUJOL,1995:207). Na visão do autor, o discurso minimalista tem sido um fato positivo, pois ele possibilitou a rehumanização da História Política e dos outros campos historiográficos, ao lidar com segmentos ou temas específicos da sociedade (PUJOL,1995:207).

Rehumanizar a História significa deixar ela aberta ao campo das possibilidades, pois as ações humanas são em boa medida um elemento imprevisível para se criar modelos que normatize o todo da esfera social funcionando da mesma forma. Assim devemos evitar formular padrões que enquadrem as sociedades tendo em vista que elas

vão apresentar aspectos específicos de acordo com o recorte espacial e temporal (PUJOL,1995:207).

Em suma, os principais pontos debatidos pelo autor em seu artigo foram a rehumanização e a insatisfação com os modelos explicativos generalista, os quais se encontram presentes comumente na historiografia (PUJOL,1995:207). O referido pesquisador deixa transparecer em seus escritos, que a História Política é um campo da História que apresenta uma intensa transformação em seu modo de escrita histórica. Contudo, enquanto historiadores nós devemos ter cuidados para não expandirmos demasiadamente a área de atuação do político e assim cometermos equívocos em nossas produções.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BURKE, Peter. **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP,1992.
- _____. **Testemunha Ocular – história e imagem**. São Paulo: EDUSC,2004.
- FLORES, Victor Manuel Esteves. **Minimalismo e Pós-Minimalismo - Forma, Anti-forma e Corpo na Obra de Robert Morris**. Covilhã: Livros LABCOM, 2007.
- GINZBURG, Carlo. **O inquisidor como antropólogo uma analogia e suas implicações**. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A Micro – História e Outros Ensaio**. Lisboa: Ed: DIFEL / Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1991,203-214.
- SALLES, Paulo Tarso. **Aberturas e Impasses: o pós modernismo na música e seus reflexos no Brasil, 1970-1980**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.
- PUJOL, Xavier Gil. **La historia política de La Edad Moderna europea, hoy: Progressos y minimalismo**. In: BARROS, Carlos (ed). *Historia a debate*. Actas del Congresso Internacional “a Historia a debate”. Santiago de Compostela: Historia a debate,1995, 195-208.